

TEORIAS LINGUÍSTICAS COMO CONTRIBUIÇÃO À ESCRITA DA HISTÓRIA LITERÁRIA: QUESTÕES DE LÍNGUA E LINGUAGEM NO ROMANCE

LINGUISTIC THEORIES AS A CONTRIBUTION TO THE LITERARY HISTORY: ISSUES OF IN THE NOVEL

*Daniela Silva da SILVA**

Resumo: Esta reflexão procura estabelecer um diálogo entre Mikhail Bakhtin, Émile Benveniste e Hans Ulrich Gumbrecht no sentido de discutir e aproximar alguns conceitos provenientes tanto da área da linguística quanto da literatura. Tal discussão aproximativa tem por intuito pensar o gênero romanesco como objeto para uma história da literatura a partir do discurso.

Palavras-chave: Discurso; Romance; História.

Abstract: This paper aims to establish a dialogue between Mikhail Bakhtin, Émile Benveniste and Hans Ulrich Gumbrecht in order not only to discuss some concepts and approaches from both fields Linguistics and Literature, but also to think Brazilian novel discourse as an object to a History of Literature.

Keywords: Discourse; Novel; History.

1 Linguística e Literatura: um possível diálogo para uma história da literatura

Quando pensamos em linguística não podemos deixar de nos reportar ao “Estruturalismo”, bem como de mencionar Ferdinand de Saussure e sua obra póstuma “Cours de linguistique générale” (1916), construída a partir de anotações feitas por seus discípulos, por ocasião de três cursos que ele ministrou na Universidade de Genebra, entre os anos de 1907 e 1910, conforme consta no prefácio da edição de 1989. A Linguística sincrônica de Saussure tem como objeto a língua. No terceiro capítulo da edição brasileira, intitulado “Objeto da língua”, pergunta Saussure:

* Doutora em Letras pela PUCRS. Professora dos Cursos de Letras da Universidade Estadual do Centro-Oeste (UNICENTRO), *Campus* de Guarapuava, Paraná. Contato: dani.s@terra.com.br.

mas o que é a língua? Para nós, ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É, ao mesmo tempo, um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduo (SAUSSURE, 1989, p. 17).

Complementando, diz ainda que: “tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita”. Além das noções de bipartição e arbitrariedade do signo linguístico, bem como do aprofundamento dessas questões, Saussure, como vemos, discute a distinção entre língua e fala e entre língua e linguagem, propondo, como aponta Émile Benveniste, em “Problemas de linguística geral II”, que a língua “é forma, não substância” (BENVENISTE, 2006, p. 31).

Benveniste, por seu turno, dedicou-se ao estudo da língua, procurando relacioná-lo à cultura. Segundo ele, “é o poder de ação, de transformação, de adaptação, que é a chave da relação humana entre a língua e a cultura, uma relação de integração necessária” (BENVENISTE, 2006, p. 24). Língua e cultura, para o teórico, andam juntas. Saliento que, não se trata de um estudo culturalista, mas de outro, preocupado com os valores culturais e “estes valores são os que se imprimem na língua” (BENVENISTE, 2006, p. 22). Apesar de privilegiar a questão cultural, o sentido, para Benveniste, está na língua enquanto diferença, especialmente no discurso. Esse sentido, para o linguista, é também histórico, diferentemente da sincronia proposta por Saussure. Mesmo privilegiando o aspecto cultural do discurso linguístico, os estudos de Benveniste não deixam de ser imanentes.

É com Mikhail Bakhtin que o conceito de linguagem passa a fundar-se especificamente no social e não ao contrário. A cultura aqui é pré-requisito para a linguagem. Ainda que contemporâneos, o modo de apropriação do objeto e a maneira de estudo variam, de maneira que o resultado final das pesquisas também. Sendo assim, Benveniste avança em relação a Saussure quando pensa a questão diacrônica da linguagem e a substância como constituidoras da língua. Bakhtin representa outro passo na medida em que considera a linguagem social como fundamento do discurso.

No caso de uma história da literatura, como dar a conhecer o objeto literário ao leitor? E nesse dar a conhecer, como construir

estruturas que produzam sentidos de acordo com o horizonte de expectativas da cultura atual? No tempo e no espaço, o que é o literário historicamente? Como podemos pensar a cultura brasileira por meio do objeto romanesco enquanto língua? Para Gumbrecht, teórico dos estudos literários, um historiador da literatura deve preocupar-se com o que é tangível ao leitor, isto é, com a experiência dos objetos que tem diante de si, objetos esses designados como “coisas do mundo”, e entende-se aqui como o romance.

O romance chega-nos como um dito qualquer por meio de uma língua que lhe é própria. Portanto, se quisermos experienciar uma história da literatura, não seria o caso de fazê-lo por meio da língua e/ou da linguagem romanescos? Ainda, se a linguagem no romance é social, uma história da literatura dar-nos-ia uma imagem das transformações da literatura e da cultura brasileiras? No intuito de refletir sobre tais questões, segue um debate teórico, que também quer problematizar o assunto por meio de alguns conceitos que justifiquem a proposta presente neste artigo. Se devemos praticar aquilo que pensamos, por certo que ao lançar mão de teorias dialógicas, como é a da enunciação, eu não poderia prescindir do debate entre atitudes mentais. E daí que relacionar Linguística e Literatura, em nível sistêmico, faz com que esta enunciação ponha em interface diferentes categorias enunciativas, portanto, pessoas, tempos e espaços, materializando relações entre linguagem e história. Vamos ouvir o que têm a dizer.

2 Plurilinguismo: conteúdo e forma

O filólogo russo Mikhail Bakhtin é um caso especial dentro dos estudos acadêmicos em Letras. Suas teorias são apropriadas tanto pelos pesquisadores da área da linguística quando por aqueles que se ocupam dos estudos sobre literatura, ainda que com interesses diferentes. O uso da linguagem é o cerne do seu trabalho. Em “Questões de literatura e estética – A teoria do romance”, como indica o subtítulo do texto e o histórico de suas pesquisas em torno da teoria e da crítica literárias, a preocupação do autor está diretamente relacionada ao modo de ser do gênero romanesco; ao estudo formal, portanto, estilístico e metodológico dessa realização textual.

No capítulo em que se dedica ao “Discurso no romance”, Bakhtin demonstra três pontos relevantes de sua pesquisa: 1) o conteúdo e a forma caminham de mãos dadas no discurso, 2) o romance é um tipo de discurso e 3) o discurso é um “fenômeno social” (BAKHTIN, 1998, p. 71). Dessas afirmações, é possível extrair uma configuração inicial para o romance enquanto gênero: um discurso social, em que conteúdo e forma, como em todo discurso, necessitam-se mutuamente. Em vista disso, onde está ou reside a peculiaridade do gênero?

Ao avançar, dando tratamento à estilística contemporânea, o teórico acrescenta outra classificação, a saber: “o romance, tomado como um conjunto, caracteriza -se como um fenômeno pluriestilístico, plurilíngue e plurivocal” (BAKHTIN, 1998, p. 73). Além de apresentá-lo dessa forma, Bakhtin também qualifica o romance como um sistema heterogêneo, que possui

uma diversidade social de linguagens, organizadas artisticamente, às vezes de línguas e de vozes sociais. A estratificação interna de uma língua nacional única em dialetos sociais, maneirismos de grupos, jargões profissionais, linguagens de gêneros, fala das gerações, das idades, das tendências, das autoridades, dos círculos e das modas passageiras, das linguagens de certos dias e mesmo de certas horas (cada dia tem sua palavra de ordem, seu vocabulário, seus acentos), enfim, toda estratificação interna de cada língua em cada momento dado de sua existência histórica constitui premissa indispensável ao gênero romanesco (BAKHTIN, 1998, p. 74).

O coletivo, isto é, o social, estratifica-se quando migra para o espaço do romance e quando isso ocorre se particulariza. Um fato literário ou uma obra é uma realização particular de uma consciência linguística que se volta para o seu mundo e sobre ele emite opiniões, organizadas, no caso do romance, segundo uma lógica interna e um grupo específico de categorias: narrador, tempo, espaço, personagens, foco narrativo. Tais categorias estão embrenhadas no discurso e o definem conseqüentemente. O modo como se dá a estratificação da língua – estratificação essa pressuposta pelas várias ocorrências de falas que exige o romance – responde pela peculiaridade do gênero. É devido a esse “plurilinguismo social” estratificado, então, bem como “ao crescimento em seu solo de vozes diferentes que o romance

orquestra todos os seus temas, todo seu mundo objetual, semântico, figurativo, expressivo” (BAKHTIN, 1998, p. 74-75). Para Bakhtin, “o discurso do autor, os discursos dos narradores, os gêneros intercalados, os discursos das personagens não passam de unidades básicas de composição com a ajuda das quais o plurilinguismo se introduz no romance” (BAKHTIN, 1998, p. 74-75).

A primeira reação motivada pela leitura desse fragmento é uma pergunta: onde reside a peculiaridade fundamental do romance? Segundo Bakhtin, cada um desses discursos, apontados no fragmento acima,

permite uma variedade de vozes sociais e diferentes ligações e correlações (sempre dialogizadas em maior ou menor grau). Estas ligações e correlações especiais entre as enunciações e as línguas (*paroles – langues*), este movimento do tema que passa através das línguas e discursos, a sua segmentação em filetes e gotas de plurilinguismo social, sua dialogização, enfim, eis a singularidade fundamental da estilística romanesca (BAKHTIN, 1998, p. 74-75).

É, portanto, na capacidade de dialogização que encontramos a particularidade do romance. Bakhtin usa o termo “fundamental”, o que implica dizer que existem muitas outras características responsáveis por definir o gênero. Pode perceber que, com essa linha de pensamento, o autor afasta a ideia de que o romance é uma “enunciação monológica do indivíduo” (BAKHTIN, 1998, p. 80) e apresenta uma noção que vem ligada ao dialogismo do discurso: a alteridade.

Assim, “a própria língua literária, sob este ponto de vista, constitui somente uma das línguas do plurilinguismo e ela mesma por sua vez estratifica-se em linguagens (de gêneros, de tendências, etc.)” (BAKHTIN, 1998, p. 81). Nesse caso, língua literária seria o todo, do qual fazem parte complexidades linguísticas individuais, como a poesia, o romance, a tragédia, a comédia, a epopeia etc., cada uma com suas particularidades ou dialetos, realizadas sob registro oral ou escrito.

A teoria de Bakhtin mostra uma novidade interessante e possível de ser aproximada, guardadas as devidas proporções, com os estudos do sociólogo alemão Niklas Luhmann, acerca dos sistemas autopoéticos ou autoreferenciais. A teoria da autoreferencialidade dos

sistemas sociais é complexa porque, segundo ela, uma mudança provocada em nível individual termina repercutindo na estrutura de todo o sistema. O entendimento de um sistema, em consequência disso, depende da apreensão de outro e vice-versa, o que aumenta em nível às vezes inestimável a necessidade de absorção e domínio dessas complexidades. Administrá-las é um comportamento que o pesquisador não pode prescindir, sob pena de o sistema entrar em colapso, bem como seu objeto de investigação.

Nesse caso, seria possível haver uma aproximação entre o conceito de “referencialidade”, de Luhmann, e o de “alteridade”, de Bakhtin? Em situação afirmativa, isso seria viável por estarem ambos os autores lidando com complexidades em níveis sistêmicos? A ideia de “mudança sistemática” de Luhmann tem a ver com a de plurilinguismo, uma vez que Bakhtin evidencia que esse conceito é o todo de que fazem parte sistemas individuais determinantes e determinados por tal conjunto heterogêneo de falas, vozes, diálogos e línguas? Não posso deixar de considerar que o plurilinguismo de Bakhtin aponta para o fato de que ele concebe todas as manifestações sociais, em nível macro-sistêmico, como “língua”, bem como não existe uma língua só, mas uma pluralidade delas, regidas por forças centrípetas e centrífugas, as quais se cruzam, segunda ele, na enunciação.

Desse modo, “a participação ativa de cada enunciação define para o plurilinguismo vivo seu aspecto linguístico e o estilo da enunciação, não em menor grau do que sua pertença ao sistema normativo-centralizante da língua única” (BAKHTIN, 1998, p. 82). Língua é destacada entre aspas, por Bakhtin, na frase que segue a essa. Tais marcas discursivas apontam uma afirmação: toda enunciação está diretamente relacionada ao plurilinguismo e à língua única. Se é verdade que o plurilinguismo é um conjunto heterogêneo e variado de realizações linguísticas, podemos considerar que a língua única está contida nele, porém o contrário não é verdadeiro, uma vez que a norma não pressupõe diversidade.

Aponta Bakhtin, com isso, que, apesar de se utilizar das normas da língua materna, do país onde vive, um falante também está sob influências de um sistema vivo, a fala. Essa, por sua vez, uma realização discursiva, é histórica e social. “Trata-se da língua do dia, da época, de um grupo social, de um gênero, de uma tendência, etc.” Por

essa razão, “é possível dar uma análise concreta e detalhada de qualquer enunciação, entendendo-a como unidade contraditória e tensa de duas tendências opostas da vida verbal” (BAKHTIN, 1998, p. 82). Se conteúdo e forma são dois elementos que andam de mãos dadas no romance, as diferentes redundâncias provenientes da dupla “particular e coletivo” são componentes-chave para entender o aspecto social que preside a formação do texto romanesco, visto como realização discursiva plurilíngue.

O plurilinguismo, para Bakhtin, manifesta-se por meio das “pessoas que falam” (BAKHTIN, 1998, p. 134) no interior do romance. Através dessas vozes, estabelece-se outra característica do gênero, importante para o teórico: a bivocalidade, que, nesse caso, “sempre tende para o bilinguismo, como um fim” (BAKHTIN, 1998, p. 154). Bakhtin aponta, ainda, que a bivocalidade tende, no romance, “para o limite da incompreensão mútua entre as pessoas que *falam em linguagens diferentes*” (BAKHTIN, 1998, p. 154, grifos do autor). Tal peculiaridade se deve ao fato de que, no romance, existem diferentes realidades sociais manifestadas linguisticamente, confrontando seus pontos de vista, os quais não podem nem se justapor, tampouco contradizerem-se de maneira decisiva, mas conviverem de forma tensa. Segundo o teórico, “o discurso do outro cria para o discurso de outrem ‘um fundo dialógico’” (BAKHTIN, 1998, p. 156), espaço esse possibilitador da convivência entre diferenças.

Depois abordar o plurilinguismo, a bivocalidade e o dialogismo, considerando-os como características do discurso romanesco, Bakhtin chega a um ponto de interesse particular a esta reflexão, justificativa para a recuperação conceitual que fiz até aqui. Trata-se da hibridização, que, segundo ele é 1. “uma mistura de duas linguagens sociais no interior de um único enunciado” e 2. “o reencontro na arena deste enunciado de duas consciências linguísticas, separadas por uma época, por uma diferença social (ou por ambas) das línguas” (BAKHTIN, 1998, p. 156).

Nesse fragmento da fala de Bakhtin, existem palavras-chave que conceituam o termo em questão, quais sejam, mistura, linguagens, arena e enunciado. Em virtude de a linguagem ser o seu objeto de estudo, o ponto de partida para pensar a questão circula por tal espaço de interlocução, caracterizado pela sua sociabilidade. Bakhtin diz que as linguagens hibridizadas existem no interior de um único enunciado.

Tendo a entender que um conjunto de enunciados desencadeia uma sequência de hibridizações, acusando acontecimentos dinâmicos no interior de um discurso. Tal sequência, por sua vez, é compreendida como um conjunto de procedimentos, o que não dispensa o fato de existirem hibridizações involuntárias, responsáveis pelas “transformações da linguagem” (BAKHTIN, 1998, p. 156) do ponto de vista histórico.

O híbrido romanesco “não é apenas bivocal e duplamente acentuado [...], mas bilíngue” (BAKHTIN, 1998, p. 158). Além disso, “inclui não [...] [só] duas consciências sócio-linguísticas, duas épocas que na verdade não estão inconscientemente misturadas [...], mas se enfrentam conscientemente e lutam sobre o campo do enunciado” (BAKHTIN, 1998, p. 158). Complementando, Bakhtin aponta que “num híbrido romanesco intencional trata-se não apenas da mistura de formas e de indícios de linguagens e dois estilos, mas principalmente do choque no interior das formas, dos pontos de vista sobre o mundo” (BAKHTIN, 1998, p. 158).

É fundamental destacar a presença dos postulados dos filósofos alemães Edmund Husserl e Karl Marx, no discurso de Bakhtin. O primeiro se produz por meio da ideia de “correlato intencional” e o segundo através das noções de “ideologia” e “luta” de duas consciências linguísticas. Através da “correlação”, Bakhtin introduz a noção de representação. Do seu ponto de vista, aponta o papel a ser desenvolvido por uma consciência artística durante o trabalho de concepção do romance.

Além de Husserl e Marx, as conquistas estruturalistas marcam o discurso bakhtiniano, pois vêm de Saussure as ideias de *langue* e *parole*, particular e coletivo, abordadas pelo autor. O avanço de Bakhtin está em hibridizar em seu texto essas consciências linguísticas individuais, abrindo espaço para o diálogo de outrem e assim promovendo, interna e intencionalmente, uma comunicação entre elas, bem como preenchendo lacunas nessas falas individuais e na história da crítica. Trata-se de um isomorfismo teórico. Enquanto fala dos processos de hibridização, Bakhtin o realiza.

No que se refere à lacuna, o formalismo estruturalista acrescenta a percepção do contexto de fala e as situações de comunicação; ao marxismo, a importância de considerar a forma e desautomatizar o subjetivismo idealista e à fenomenologia do espírito,

o princípio da relação, opondo os conceitos de pureza e língua única ao de linguagem hibridizada, estilizada e vária. Em função dessas questões, do entendimento democrático que dá ao híbrido e por enquadrar o romance em tal classificação, definindo-o por meio do dialogismo e da polifonia, Bakhtin assume presença conceitual neste trabalho.

3 Da referencialidade à alteridade: enunciação, locutor, alocutário, co-locutor

Os conceitos de referencialidade e alteridade e suas repercussões são o ponto de chegada desta parte de minha reflexão. Trata-se de estabelecê-los com o apoio do ferramental teórico proveniente do trabalho de Émile Benveniste, “O aparelho formal da enunciação”, publicado em “Problemas de linguística geral II”, trabalho esse considerado no sentido de demonstrar outras facetas dos processos de hibridização, quando o autor problematiza uma diferença entre língua e forma. Em decorrência disso, Benveniste afirma que a enunciação é “colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização” (BENVENISTE, 2006, p. 82).

É possível considerar, diante disso, que língua está para um padrão de comportamento mais abrangente enquanto a utilização individual dessa língua para outro de caráter particular. Toda vez que alguém se apropria da língua está particularizando-a e, porque isso ocorre, transforma-a em discurso. A enunciação é “a conversão individual da língua em discurso” (BENVENISTE, 2006, p. 82).

Esse ato individualizado instaura o primeiro elemento a compor uma enunciação – o locutor – cujo comportamento de dar existência à língua pelo discurso gera uma situação importante, qual seja, a de apropriação. Além disso, o locutor pressupõe imediatamente um ouvinte ou um leitor, resumidos no papel de alocutário. Segundo Benveniste, na enunciação,

a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir identicamente, no consenso pragmático que faz cada locutor um co-locutor. A

referência é parte integrante da enunciação (BENVENISTE, 2006, p. 84).

A locução, o alocutário e o co-locutor são princípios inerentes a todo e qualquer tipo de discurso e integrantes a enunciação. Se a língua só existe de forma concreta no discurso e enquanto possibilidade fora dele, a enunciação é a materialização de uma situação de diálogo entre duas pessoas, as quais dela se valem para do mundo de que participam referir. Além disso, a língua é apropriada em uma situação de interação comunicativa entre duas pessoas e transformada em discurso sobre o mundo. Por essa razão, não somente o emprego e a realização articulada dos signos depõem sobre o referente, mas também o conteúdo da interação entre alocutários, conteúdo esse necessariamente pressuposto no ato concretizado, ou seja, na própria situação de apropriação linguística do mundo a que estão circunscritos os falantes.

Uma vez que a referência é parte integrante da enunciação e por referência entende-se a emergência dos índices de pessoa eu-tu, propõe-se que, nesse princípio, funda-se o de alteridade. Sendo assim, onde está o tu está o eu e vice-versa. Para Benveniste, essas duas figuras necessárias e indispensáveis ao discurso conferem-lhe “a estrutura de diálogo” (BENVENISTE, 2006, p. 87). Em tal diálogo, os dois parceiros da situação comunicativa são protagonistas da enunciação, não havendo proeminência discursiva para um ou para outro, pois estão em posição de igualdade formal. A diferenciação de um e de outro, do meu ponto de vista, está na apropriação que fazem da língua para referir o seu modo de ver o mundo.

A enunciação, pois, depende dos acordos de referencialidade que se fazem entre essas três instâncias do discurso. O conceito de referência que existe entre um locutor e um alocutário de uma locução aproxima-se do que se entende por alteridade. Aliás, a alteridade está contida no princípio de referência que existe entre eu-tu. A identidade de “eu” constitui-se por aquilo que o outro não é, ao mesmo tempo em que possui características desse outro. Se “eu” é igual a “eu” + “tu”, posso sustentar que existe aí importante argumento para caracterizar o híbrido.

Nesse caso, não se trata apenas da mistura, segundo aponta Bakhtin, mas da combinação. O híbrido ocorre na enunciação, do

ponto de vista formal, por meio das pessoas que falam discursivamente, o que me leva a concluir que o processo de hibridação dá-se enunciativamente. A alocação é o resultado da hibridização, em termos semânticos, realizado, formalmente, por sujeitos que se valem de signos para dar conta de referir o mundo ou os impactos que ele promove em suas consciências linguísticas. O princípio da coreferência, no meu modo de ver, é exemplar porque elucida tal processo de hibridização.

4 Presença e coautoria: divergências e convergências

No livro intitulado “Produção de presença”¹, Hans U. Gumbrecht discute como a questão da interpretação e do sentido vem sendo encarada, ao longo da história, pela área das Ciências Humanas. Além de propor tal discussão, fazendo uma retrospectiva e um prognóstico particular sobre o assunto, apresenta alguns pontos de vista e conceitos para enfrentar o debate. Na sessão intitulada “User’s manual”, ou “Manual do usuário”, Gumbrecht começa explicando, objetivamente, como é seu estilo, o que entende por “produção” e “presença”. O primeiro signo “não refere (ao menos não refere principalmente) a uma relação temporal, mas espacial, com o mundo e seus objetos.” (GUMBRECHT, 2004. p. XV)².

Algo que está presente, para o autor, tem de ser tangível, isto é, estar ao alcance das mãos. Por consequência, “Isso pode ter um impacto imediato nos corpos humanos.” (GUMBRECHT, 2004. p. XV)³. “Produção”, por sua vez, “É usada de acordo com o significado de sua raiz etimológica (isto é, Latim *producere*), a qual se refere ao ato de ‘dar à luz’ a um objeto no espaço”. (GUMBRECHT, 2004. p. XV)⁴. “Produção de presença” designa “todos os tipos de eventos e processos nos quais o impacto que objetos ‘presentes’ têm em corpos humanos está sendo iniciado ou intensificado”. (GUMBRECHT, 2004.

¹ Tradução minha do original *Production of presence*.

² Tradução minha de “does not refer (at least does not mainly refer) to a temporal but a spatial relationship to the world and its objects” (GUMBRECHT, 2004. p. XV)

³ Tradução minha de “it can have an immediate impact on human bodies”.

⁴ Tradução minha de “is used according to the meaning of its etymological root (i.e., Latin *producere*) that refers to the act of ‘bringing forth’ an object in space”.

p. XV)⁵. Tais objetos, por sua vez, denominam-se “coisas do mundo” (GUMBRECHT, 2004, p. XV)⁶.

No caso deste trabalho, “coisas do mundo” representam o romance (brasileiro), o qual pode ser percebido, a partir desse ponto de vista teórico, enquanto forma literária hibridizada, ao alcance das mãos dos leitores, projetando um impacto imediato em seus corpos. “Locuções de gênero”, “mecanismos linguísticos”, “maneirismos de grupos” e “dialogização das vozes” são enunciados, cujo conteúdo não apenas descreve a hibridização no discurso romanescos, mas permite ao leitor experimentar a história a partir do contexto presencial dessas obras.

Gumbrecht chama atenção para a característica espacial desses conceitos. Gostaria, entretanto, de discutir a questão da “presença” e da “produção”, igualmente, de um ponto de vista linguístico, dirigido à fundamentação do tempo, conforme propõe Émile Benveniste, em “Problemas de linguística geral”. Benveniste aponta que a temporalidade “é produzida, na verdade, na e pela enunciação. Da enunciação procede a categoria do presente, e da categoria do presente nasce a categoria do tempo” (BENVENISTE, 2006, p. 85). O presente temporal advém da enunciação. Toda vez que um sujeito enuncia algo, está criando presenças e/ou presentificando o mundo pela linguagem.

Se o mundo dos objetos é dado por linguagens, uma vez que não há outra maneira de apreensão desses materiais, “as coisas do mundo”, das quais Gumbrecht se ocupa, ocorrem e são percebidas enunciativamente através de um princípio de coautoria entre sujeitos. Consequentemente, “as coisas do mundo” se tornam presentes, espacialmente, por meio de enunciados. Sendo assim, confirmando o que aponta o professor de Stanford e por isso o aproximando de Benveniste, o conceito de “presença” não diz respeito apenas a uma questão de ordem espacial, mas, do mesmo modo, temporal, conforme suas palavras explicam: “Não refere (ao menos não refere principalmente) a uma relação temporal, mas espacial, com o mundo e

⁵ Tradução minha de “all kinds of events and process in which the impact that ‘present’ objects have on human bodies is being initiated or intensified”

⁶ Tradução minha de “things of the world.”

seus objetos.” (GUMBRECHT, 2004, p. XV)⁷, simultaneamente, em graus diferentes.

Benveniste aponta que o tempo “é esta presença no mundo que somente o ato de enunciação torna possível, porque [...] o homem não dispõe de nenhum outro meio de viver o agora” (BENVENISTE, 2006, p. 85). Não apenas de viver o agora, mas não há, segundo o teórico, outro modo “de torná-lo atual senão realizando-o pela inserção do discurso no mundo” (BENVENISTE, 2006, p. 85). Para o linguista, somente a enunciação cria o tempo presente. Cada vez que um discurso é enunciado, inaugura-se um novo instante, isto é, uma nova presença.

Poderia pensar, diante dos argumentos de Benveniste, que toda vez que um objeto, ou “coisa do mundo”, toca um sujeito, produz nesse indivíduo um evento espacial, fundando, da mesma forma, um novo momento? Por que tanto a temporalidade e/ou a espacialidade criam, à sua maneira, uma situação nova, podem as duas teorias serem aproximadas?

O conceito de presença para Gumbrecht significa o efeito provocado pela espacialidade e imediaticidade do mundo dos objetos sobre os sujeitos. Para Benveniste, por sua vez, a presença é o tempo, o qual somente é viável através da enunciação. Segundo esse conceito, só é possível experienciar o presente por meio de uma presença temporal. Inserir o discurso no mundo, nesse caso, significa criar temporalidades, presenças. Se o discurso é uma presença e se o mundo se mostra ao sujeito discursivamente, seja através de que linguagem for, poderia dizer que os eventos despertados pelos objetos tangíveis aos sujeitos inscrevem-se em uma temporalidade e dependem do discurso para tanto?

A diferença principal dos dois argumentos reside em um ponto: Gumbrecht parte de uma proposta não narrativa para encarar os eventos e os objetos historicamente, bem como suas influências nos sujeitos; Benveniste, por outro lado, mesmo não tendo essa preocupação, discute as categorias da “presença” e da “produção” por meio da temporalidade. A escolha pela não narratividade pressupõe, ainda, a exclusão do tempo, da cronologia e da linearidade que o mesmo pode suscitar. Ao preencher o conceito de “presença”, através da ideia de “espaço”, Gumbrecht está tratando, em contrapartida, da

⁷ Tradução minha de “at least does not mainly refer” to a temporal but a spatial relationship”.

questão de tempo, mas não da forma tradicional. O tempo espacial é sincrônico e imediato. A temporalidade do enunciado, nesse caso, exercita-se sem uma cronologia.

Penso ser interessante acrescentar, ainda, que Benveniste distingue “as entidades que têm na língua seu estatuto pleno e permanente e aquelas que, emanando da enunciação, não existem senão na rede de ‘indivíduos’ que a enunciação cria e em relação ao ‘aqui-agora’ do locutor” (BENVENISTE, 2006, p. 86). Como exemplo, acrescenta pronomes e advérbios. A partir desse fragmento, é possível afirmar que, apesar de serem propostas distintas, há graus de aproximação entre ambas. As entidades linguísticas, de que fala Benveniste, participantes na enunciação, são identificadas como uma “rede”. Tal identificação, por sua vez, demonstra indícios de não narratividade como sendo uma característica da enunciação, graças às tantas analepses e prolepses que um discurso pode conter.

Além disso, outro fator importante a ser considerado é que a enunciação cria uma “rede de indivíduos”, ou seja, uma rede de coautorias ou copresenças, como fala Gumbrecht. Por fim, apesar de Benveniste concentrar-se na temporalidade e Gumbrecht na espacialidade, nenhum dos dois desconsidera, respectivamente, o espaço e o tempo, ao escolher apenas um dos dois como ponto de partida. O primeiro, porque menciona o fato de que as relações se dão “no aqui-agora”, ou seja, no espaço e no tempo; o segundo, porque diz que o conceito de presença não se refere “principalmente” a uma relação temporal, isto é, a espacialidade designa o conceito, o que não impede que esse esteja constituído por traços de temporalidade.

5 Benveniste, Bakhtin, Gumbrecht: conceitos para uma história literária como história da enunciação no romance

A aproximação entre os teóricos dá-se no sentido de evidenciar que um estudo do discurso no romance apresenta-se tanto como um acontecimento temporal quanto espacial, sempre dependente dos endereços de quem falam as pessoas que produzem seus enunciados, no interior de seus discursos. Enquanto espacialidade, é uma presença não narrativa; enquanto temporalidade, uma rede de vozes individuais, que se realizam linguisticamente, através de entidades da língua,

criadas, graças às necessidades comunicativas impelidas pelo discurso, em relação ao aqui-agora do sujeito.

Os conceitos apresentados combinam-se para alicerçar essa proposta, a fim de pensar a história literária brasileira, a partir do romance, tendo como ponto de vista norteador a não narratividade, sem deixar de considerar o lugar do leitor, do autor e do discurso. Assim é possível estudar a enunciação no romance também do ponto de vista das presenças temporais – do tempo criado pelos sujeitos linguisticamente, quando se comunicam e comunicam simultaneamente no discurso que produzem. Se divergem em certa medida, os teóricos convergem em outra.

Tendo em vista, conforme Benveniste, que “a enunciação torna-se responsável por certas classes de signos que ela promove literariamente à existência” (BENVENISTE, 2006, p. 86), proponho entender os sintagmas “locuções de gênero”, “mecanismos linguísticos”, “maneirismos de grupos” e “fala das gerações” e dialogização das vozes”, como ditos resultantes da enunciação no romance. Tais ditos por sua vez despertam a hibridização, pois em sua estrutura contêm, segundo Mikhail Bakhtin, “uma mistura de duas linguagens sociais no interior de um único enunciado” (BAKHTIN, 1998, p. 156).

Isso permite simplificarmente entender que a enunciação romanescas produz enunciados que presentificam, espacial e temporalmente, uma determinada cultura, demonstrando a mescla de linguagens sociais, as quais possuem como característica a hibridização. Do ponto de vista historiográfico, segundo as orientações de Gumbrecht, a presença desses enunciados hibridizados no espaço social de um romance, bem como no formato democrático que o formaliza, pode produzir dados para pensar o gênero em sua historicidade e assim escrevermos uma história da cultura brasileira por meio da historicidade da forma romanescas esteticamente estruturada por meio de seu conteúdo linguístico.

Em tempo, pensar, ainda, o papel da crítica, por meio da história de suas apreensões do objeto estético, vinculando áreas afins, mas independentes, isto é, a Literatura e a Linguística, por meio dos estudos e da análise do discurso. E se as categorias do discurso são dêiticas, ao estudarmos o tempo, o espaço e as pessoas do discurso no romance estaremos investigando uma dada mentalidade em suas

sincronias. Diacronicamente, conforme seus maneirismos linguístico-literários, também poderíamos observar dessemelhanças. Se a língua é diferença, é no que varia no *continuum* dos anos que teríamos uma história da literatura como história da(s) língua(s) e da(s) linguagem(ns) contando para isso com o depoimento do romance enquanto colunista da história.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. O discurso no romance. IV - A pessoa que fala no romance. In:_____. *Questões de literatura e estética – A teoria do romance*. Tradução de Aurora Fornoni Bernardini *et al.* São Paulo: UNESP, 1998.

BENVENISTE, Émile. O aparelho formal da enunciação. In:_____. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.

GUMBRECHT, Hans Ulrich. *Production of presence: what meaning cannot convey*. California: Stanford University Press, 2004.

SAUSSURE, Ferdinand de. Objeto da língua. In:_____. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini *et al.* São Paulo: Cultrix, 1989.

Recebido em 31/08/2013

Aceito em 01/10/2013